

Revista Mídia e Cotidiano
ISSN: 2178-602X
Artigo Seção Livre
Volume 15, Número 1, jan./abr. de 2021
Submetido em: 23/05/2020
Aprovado em: 28/07/2020

O sexo e o amor sob a ótica de receptoras de telenovelas do horário nobre

Sex and love from the perspective of recipients of telenovelas prime time

El sexo y el amor bajo la mirada de las receptoras de telenovelas del prime time

Sandra DEPEXE¹
Laura Roratto FOLETTO²
Gláise Bohrer PALMA³
Tissiana Nogueira PEREIRA⁴
Filipe Bordinhão dos SANTOS⁵

Resumo

O objetivo deste estudo de recepção é compreender os modos de interpretação das relações de gênero por 24 mulheres da classe dominante de diferentes gerações a partir de telenovelas do horário nobre, no contexto brasileiro. As questões do estudo foram formuladas a partir dos relacionamentos amorosos e sexuais, presentes tanto no conteúdo veiculado quanto nas apropriações das informantes. Com aporte da Teoria das Mediações de Martín-Barbero, analisamos as leituras da telenovela pela audiência feminina a partir de suas experiências (sociabilidade). Os resultados obtidos indicam que a maioria das entrevistadas contesta os papéis tradicionais de gênero, mas tem dificuldade de admitir os comportamentos modernos para si, pois não consegue realizá-los.

Palavras-chave: Gênero. Recepção. Telenovela.

¹ Docente do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Comunicação pela mesma instituição. Pesquisadora do grupo Obitel Brasil/UFSM (Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva). E-mail: sandra.depexe@ufsm.br. ORCID: 0000-0001-9536-4285.

² Doutoranda em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista CAPES/DS. E-mail: laura.roratto@gmail.com. ORCID: 0000-0002-0205-1229.

³ Docente dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade Franciscana. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: glaise@ufn.edu.br. ORCID: 0000-0002-6852-1879.

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Centro de Estudos de Telenovela (CETVN- ECA/USP) e membro do Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (Obitel). E-mail: tissianapereira@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0002-1972-1348.

⁵ Docente dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade Positivo. Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: filipe.santos@up.edu.br. ORCID: 0000-0002-5393-2923.

Abstract

The aim of this reception study is to understand the interpretation ways of gender relations by 24 dominant class women in different generations according to the primetime telenovelas, in the Brazilian context. The study questions were formulated based on love and sexual relationships, present both in the content aired and in the informers appropriations. From the Mediations Theory by Martín-Barbero, we analyzed the telenovela readings by the female audience from their experiences (sociability). The results show that most of the interviewees contest against traditional gender roles but have difficulty to admit the modern behaviors for themselves because they cannot perform them.

Keywords: Gender. Reception. Telenovela.

Resumen

La finalidad de este estudio de recepción es entender los modos de interpretación de las relaciones de género por parte de 24 mujeres de la clase dominante de distintas generaciones a partir de telenovelas del prime time, em el contexto brasileño. Las preguntas del estudio fueron formuladas en base al amor y las relaciones sexuales, presentes tanto en el contenido transmitido como en las apropiaciones de las informantes. A partir de la Teoría de las Mediaciones de Martín-Barbero, analizamos las lecturas de la telenovela por la audiencia femenina desde sus experiencias (sociabilidad). Los resultados obtenidos apuntan que la mayoría de las entrevistadas están en desacuerdo con los papeles tradicionales de género, pero tienen dificultad de admitir los comportamientos modernos para ellas mismas, porque no lo pueden tenerlos.

Palabras clave: Género. Recepción. Telenovela.

Introdução

O objetivo deste estudo de recepção é investigar as relações de gênero, sobretudo no que diz respeito às representações sobre relacionamentos amorosos e sexuais, a partir do modo como mulheres da classe dominante⁶ interpretam o discurso da telenovela tensionado por suas experiências cotidianas. Narrativa bastante estudada (ALMEIDA, 2003; BORELLI et al, 2009; HAMBURGUER, 2005; JUNQUEIRA, 2009; LOPES, BORELLI, RESENDE, 2002; LOPES, 2009; RONSINI, 2012), a telenovela “é [um] dos raros textos consumidos por cidadãos pertencentes às mais diversas classes sociais, um repertório privilegiado para medir diferenças” (HAMBURGUER, 2005, p. 73). Este

⁶ Segundo Pierre Bourdieu (2011), a “classe dominante” é composta por pessoas que têm acesso aos recursos escassos e que procuram legitimar a sua cultura através do valor simbólico e do reconhecimento social, o que lhes garante a manutenção da “distinção”.

produto midiático se firmou na sociedade brasileira, criando práticas e fazendo parte da cotidianidade dos telespectadores.

Jesús Martín-Barbero e Germán Rey afirmam que a televisão ocupa um lugar importante “nas dinâmicas da cultura cotidiana das majorias, na transformação das sensibilidades, nos modos de construir imaginários e identidades” (2004, p. 26). O melodrama televisivo, no caso, funciona como “recurso comunicativo” capaz de problematizar temáticas amplas em tramas pontuais, sugerindo a fusão dos domínios do público e do privado (LOPES, 2009). Os dramas pessoais passam a ser interpretados, muitas vezes, pela exploração de temas contemporâneos na ficção, os quais dão visibilidade a determinados assuntos, comportamentos e problemas sociais. “Entretanto, talvez seja na trajetória das personagens femininas, assim como na das representações do amor e da sexualidade, onde se expressa de maneira mais bem acabada essa capacidade de aglutinar experiências públicas e privadas que caracteriza as novelas” (LOPES, 2009, p. 28).

Filiamo-nos à perspectiva de Veneza Ronsini (2012, 2016), calcada na relevância em considerar as articulações entre classe social, consumo de mídia e recepção da telenovela, e vislumbramos o papel da mídia “para a conformação das relações de gênero, ao explorar o corpo feminino para vender produtos e definir padrões de beleza e elegância, disseminar ideias de respeitabilidade moral no plano da sexualidade e dos cuidados com a família” (RONSINI, 2016, p. 47). A partir de Heleieth Saffioti (1992), compreendemos que as relações entre homens e mulheres, base para entendimento das questões de gênero, são permeadas pelo poder e devem captar a trama de relações sociais e suas transformações. Questionamo-nos como a articulação entre público e privado repercute na leitura sobre gênero nas telenovelas: a recepção aprova o ideário de uma mulher moderna ou reforça um modelo de conduta conservador?

Neste trabalho, elegemos como eixo teórico-metodológico a Teoria das Mediações de Martín-Barbero (1987), sobretudo a sociabilidade, que permite tensionar o texto midiático para entender as interpretações dos receptores. A sociabilidade é delimitada à constituição familiar, em que os relacionamentos amorosos e sexuais são utilizados como indicadores empíricos para análise, a qual busca visibilizar a oscilação

entre o tradicional/conservador e o moderno/libertário das interações de gênero dentro e fora da tela.

As leituras sobre as telenovelas veiculadas no horário nobre da Rede Globo - *Fina Estampa* (2011-2012), *Avenida Brasil* (2012), *Salve Jorge* (2012-2013) e *Amor à Vida* (2013-2014) -, são cotejadas com as experiências cotidianas e subjetivas das informantes, com a intenção de compreender o posicionamento destas mulheres no que diz respeito às relações de gênero na narrativa ficcional televisiva brasileira. A amostra qualitativa é composta por 24 mulheres heteronormativas de classe dominante, classificadas de acordo com os critérios propostos por Waldir Quadros e Davi Antunes (2001). Além do pertencimento a duas frações de classes (alta e média alta) e de diferentes gerações (jovem, madura e idosa), as entrevistadas possuem diversas ocupações e estados civis. Inicialmente apresentamos os pontos teóricos que fundam a perspectiva de análise, para, na sequência, dedicarmo-nos a descrever e explorar o empírico.

Sociabilidade: a família como categoria teórica e empírica

Para compreender as interações de gênero, recorreremos à noção de sociabilidade, advinda da corrente dos Estudos Culturais latino-americanos e definida como mediação⁷ a partir da qual se inscreve a família, a escola e o trabalho (RONSINI, 2011). Entretanto, neste texto, abordaremos apenas os aspectos relacionados à família. A mediação sociabilidade é delimitada ainda aos relacionamentos amorosos e sexuais, os quais são utilizados como indicadores empíricos para análise.

Entendemos que a sociabilidade é a “interação social permeada pelas constantes negociações do indivíduo com o poder e com as instituições” (RONSINI, 2011, p. 84) e, ainda, o espaço onde se estabelecem as relações sociais, bem como as subjetividades compostas por estas relações e que interferem no contato dos atores com o mundo social e com a mídia. Tal mediação é um lugar “de ancoragem da *práxis comunicativa* e resulta

⁷ De acordo com José Luiz Braga (2012), o mundo é percebido através de lentes históricas e culturais, formuladas a partir de elementos advindos do meio social e, por isso, as percepções da realidade podem ser as mais diversas. Esses elementos são denominados “mediações”, que podem ser “a linguagem, a história de vida, a inserção de classe, as experiências práticas e o mundo local, o trabalho, a educação formal recebida, os campos sociais” (p. 32), ou outras, dependendo da inserção cultural do receptor. O conjunto das mediações definem as formas como os indivíduos interpretam e compreendem a realidade, bem como as formas como entendem e se apropriam das mensagens midiáticas.

dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra hegemonia) com o poder” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.17). Além disso, contribui para a constituição das identidades e das formas de interação dos sujeitos e seus “referentes individuais, de gênero, etnia e geração que são estruturados a partir de uma posição de classe” (RONSINI, 2011, p. 91).

Pensar a família, tendo como ponto de partida as relações de gênero, requer considerarmos, também, as relações entre homens e mulheres na formação do núcleo familiar. A esse respeito, Saffioti (2004) relembra que, no Brasil, antes da promulgação da Lei 4.121 de 27 de agosto de 1962⁸, conhecida como Estatuto da Mulher Casada, as mulheres eram tuteladas por seus cônjuges e não podiam exercer atividades remuneradas sem o consentimento deles. Cenário que exemplifica o direcionamento da mulher ao mundo privado, do lar, o não reconhecimento da sua incorporação na sociedade e o seu lugar enquanto “posse” de um marido, já que perdia seus direitos civis ao casar-se (PATEMAN, 1993).

Na contemporaneidade, o espaço das mulheres na família avança em prol da igualdade, ao mesmo tempo em que há continuidade de aspectos desiguais. Como antes, há um predomínio do homem na esfera profissional, enquanto a mulher exerce a sua supremacia no espaço familiar em relação às tarefas domésticas e aos cuidados com os filhos. Contudo, apesar de lento e gradual, o avanço em direção à igualdade pode ser percebido pela maior participação feminina no mercado de trabalho, na divisão das decisões importantes do cotidiano familiar, na menor subordinação da mulher ao domínio masculino. Reconhecemos, desse modo, uma trajetória de transformações, a qual se encontra em curso ainda hoje. Com vistas à melhor compreensão do debate sobre gênero na atualidade, investigamos os sentidos dados por mulheres às suas vidas e o modo como organizam suas práticas cotidianas.

⁸ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L4121.htm. Acesso em: 29 jul. 2020.

Relações de gênero: relacionamentos amorosos e sexuais

Adotamos a abordagem que considera as interações de gênero como um produto histórico, cultural e social. Articuladas na definição dos gêneros, as instituições religiosas, judiciárias, midiáticas, médicas, entre outras, formulam os fundamentos para que os corpos se masculinizem ou se feminilizem. Assim, compreendemos que os gêneros ganham forma através das roupas, dos gestos, dos gostos, ou seja, a partir de práticas que compõem uma norma de conduta social (BENTO, 2008).

A partir do nascimento dos sujeitos, investimentos discursivos são feitos para que se alcance com êxito as expectativas ideais do que é ser mulher ou homem, as quais são construídas na diferença e na oposição. Esse cenário fica claro em relação à cultura amorosa, uma vez que “o amor masculino não é senão uma ocupação entre outras, ao passo que, no feminino, preenche a sua existência” (BYRON *apud* LIPOVETSKY, 1997, p.17). Conforme Mary Del Priore (2006, p. 17-18), o culto ao amor foi trazido ao Brasil junto com os portugueses entre os séculos XVI e XVIII. Para normalizar a organização familiar nos moldes europeus, o controle dos comportamentos sexuais se fez necessário, já que “o instinto sexual não controlado pelas regras do casamento se transformava em luxúria e paixão nas páginas moralistas. Ou em doença grave, nas teorias médicas da época”. Dessa forma, a Igreja incluiu em seus dogmas a moral que designava somente às esposas a tarefa de ser obediente, provedora e recebedora do amor responsável por preservar a ordem familiar.

Anthony Giddens (1993, p. 54) comenta que as histórias românticas podem ter contribuído para a centralidade do amor na vida das mulheres. Publicadas e distribuídas em grande escala no final do século XVIII e início do XIX, nelas era perpetuado o romantismo sentimental feminino, permeado por critérios patriarcais. Lidas especialmente pelas elites, os heróis eram representados como aqueles a quem competia mandar, conquistar, realizar, enquanto que às heroínas cabia cultivar certo pudor, agradecer, ser mãe e dona do lar. Assim, por meio de uma profunda desigualdade nos papéis sociais, direcionava as mulheres para a conquista da satisfação em âmbito privado, enquanto aos homens permaneceu reservada a vida pública.

Em contraponto ao amor romântico, que era essencialmente feminilizado, Giddens (1993) cita o *amourpassion*, caracterizado por uma urgência que colocava os

homens à parte das rotinas da vida familiar. Exclusivamente para os maridos, “as tensões entre o amor romântico e o *amourpassion* eram tratadas separando-se o conforto do ambiente doméstico da sexualidade da amante ou da prostituta” (GIDDENS, 1992, p. 54). O exercício da sexualidade feminina, portanto, foi social e historicamente mais reprimido que a masculina.

Somente a partir do século XX as mulheres começaram a questionar seus próprios direitos. Conforme aponta Gilles Lipovetsky (1997, p. 26), a efervescência na luta feminista, a partir dos anos 1960, fomentou a percepção de que o amor era um instrumento de sujeição e de alienação feminina, pois incitava a dependência da mulher ao homem. Contudo, ainda assim, as mulheres nunca abdicaram da busca pelo parceiro ideal e pelo amor, pois continuam aprendendo a manter “um elo privilegiado com o amor”. A diferença, hoje, é que há possibilidade de que o sexo não seja relacionado apenas ao casamento, portanto, as mulheres podem ter mais de um parceiro antes de firmarem um compromisso.

Além disso, Giddens (1993, p. 196) afirma que a sexualidade, antes classificadora das mulheres em puras ou impuras, dividida entre a de reprodução e a erótica, transformou-se em uma propriedade do indivíduo. Para o autor, “a reivindicação do prazer sexual feminino veio a se transformar em um elemento básico da reconstituição da intimidade. [...] As mulheres tornam-se muito mais sexualmente ‘disponíveis’ aos homens do que jamais o foram”. Surge, então, o *amor confluyente*, que é ativo, contingente e entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” do amor romântico. Este, agora, estaria ligado à realização do prazer sexual recíproco, com o erotismo como elemento principal para a manutenção ou a dissolução do relacionamento.

Entretanto, apesar das mudanças, as mulheres se aventuram em muito menos relações sexuais sem estarem apaixonadas, se comparadas aos homens (LIPOVETSKY, 1997, p. 32). Em época de libertação sexual, a posição de gênero ainda define quais devem ser os sentimentos e as posturas diante das relações sexuais: ainda persistem as expectativas sobre o comportamento feminino, que é controlado e reprimido, se comparado ao masculino.

Sexo com amor? Refletindo sobre o empírico

A amostra qualitativa é composta por 24 mulheres heteronormativas de classe dominante, de gerações (jovens, maduras e idosas), estados civis (solteiras, casadas, separadas e viúvas) e profissões distintas, residentes no estado do Rio Grande do Sul. A análise discute os pontos de vista sobre as relações de gênero, através do processo de decodificação da telenovela, no que se refere às temáticas dos relacionamentos sexuais e amorosos – namoro, casamento, divórcio e viuvez. Para isso, analisamos alguns dos dados empíricos coletados entre 2012 e 2013 em um projeto do grupo de pesquisa⁹. A categorização de classe da amostra foi realizada com base na ocupação, seguindo a proposta de Quadros e Antunes (2001), definida a partir do membro familiar melhor situado economicamente¹⁰. No Quadro 1, apresentamos o perfil das entrevistadas. Os nomes das mulheres são fictícios a fim de garantir o anonimato.

Quadro 1 - Perfil resumido das entrevistadas

Geração	Faixa etária	Nome
Jovens	18 - 29 anos	Angela, Carolina, Flavia, Gina, Isis, Lena, Natalia, Tais
Maduras	30 - 59 anos	Camila, Clara, Lara, Luana, Marina, Neusa, Roberta, Rute
Idosas	60 anos em diante	Alda, Cleo, Cora, Elza, Lia, Liliane, Soraia, Telma

Fonte: Elaborado pelos autores.

A técnica de coleta de dados empregada foi a da entrevista em profundidade, composta por perguntas *estruturadas*, com a intenção de garantir a objetividade nas respostas, além de questões *semi-estruturadas*, o que nos permitiu aprofundar os assuntos previamente definidos através de perguntas não contidas no roteiro inicial (DUARTE, 2006). Ao todo foram cinco roteiros de entrevista, os quais abordaram trajetória de vida,

⁹ Projeto “guarda-chuva” *Aprendendo a ser mulher “de classe” com a mídia*, contemplado nos Editais Universal 14/2011 e 14/2012 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), coordenado pela professora doutora Veneza Ronsini, no grupo de pesquisa Usos Sociais da Mídia (CNPq/UFSM).

¹⁰ Na amostra, 33% dos lares são chefiados por mulheres e 67% pelos maridos ou pais das entrevistadas. Estes índices estão em conformidade com os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), os quais apontam que na região Sul do país, as mulheres são financeiramente responsáveis por 36,9% e os homens por 63,1% das famílias. Segundo o instituto, o número de mulheres que sustentava os lares brasileiros chegava a 40% em 2015. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html Acesso em: 14 jul. 2020.

consumo de mídia, classe e gênero, totalizando 190 questões e 28 tópicos de entrevista biográfica. Depois de transcritas, as entrevistas foram categorizadas com o auxílio do *software* de análise qualitativa NVivo 9.

Entre as idosas, apenas uma tem ensino fundamental incompleto, quatro têm ensino médio completo, uma tem ensino superior incompleto e duas têm pós-graduação. Sete idosas construíram carreiras fora de casa, sendo apenas uma dona de casa. Em relação às funções exercidas, três são professoras aposentadas, duas agropecuaristas, uma artista plástica e uma empresária. Já as maduras, uma tem ensino superior incompleto, quatro têm ensino superior completo, e três têm pós-graduação. Todas trabalham: duas são funcionárias públicas federais, duas empresárias, uma assistente social, uma farmacêutica, uma contadora e uma administradora. No que diz respeito às jovens, seis têm ensino superior incompleto e estão estudando, duas já têm graduação. Uma das entrevistadas, embora tenha formação universitária, está em outro curso superior. Apenas duas trabalham, uma como repórter e outra em uma corretora.

Delimitamos, aqui, a observação empírica da categoria sociabilidade à ordem familiar, deixando de lado as vivências no trabalho, na escola e em outras instituições socializadoras, embora compreendamos que estas vivências também estruturam suas posições sociais dominantes. A ordem familiar, por sua vez, é observada quanto às experiências e valores acerca da sexualidade e das relações amorosas.

A vida das mulheres

Tomamos a família como ponto inicial para pensar as relações de gênero, pois compreendemos que os relacionamentos inscritos em uma ordem heteronormativa são atravessados pelos papéis assumidos por homens e mulheres na estruturação do espaço doméstico. Ao investigarmos as falas das mulheres idosas, maduras e jovens, identificamos que a sociabilidade “é o lugar das práticas sociais, onde as pessoas estão em constante negociação com a ordem vigente” (RONSINI, 2011, p.87-88).

Inicialmente, as entrevistadas foram indagadas sobre o perfil de “homem para casar”. Para 11 delas, dentre diferentes gerações, o marido ideal é aquele que tem boa posição social e estabilidade financeira; apenas uma considera como não sendo

importante o homem ter “*dinheiro, ser rico ou ter posses*”¹¹ (Lena, 20). Oito pesquisadas salientam a questão do respeito, outras destacam a inteligência, a honestidade, o carinho e o companheirismo. Quanto ao caráter dos posicionamentos, compreendemos que existe a crença no amor romântico, o que indica a persistência de posicionamentos mais tradicionais.

As que destoam do ideal do amor romântico, afirmam que as mulheres procuram homens com experiência sexual (Lara, 55) e homens sedutores, os quais, apesar de serem os mais procurados, não são aprovados pela entrevistada, pois eles as tratam como “*objeto*” (Liliane, 72). Ademais, são citados como homens para casar os que colaboram nas atividades do lar (Cora, 68) e os que representam a figura paterna de “*bom pai com os filhos*” (Taís, 24). De modo geral, percebemos que as mulheres das três gerações ora tendem para uma posição mais tradicional, voltada a um ideal de amor romântico, ora mais liberal, já que o homem que realiza tarefas domésticas e cuida dos filhos se aproxima ao amor confluyente, que não está associado à subordinação da mulher ao lar.

Esse cenário vem ao encontro do que as entrevistadas consideram como “mulher para casar”. A maioria acredita que, para os homens, a esposa ideal é respeitável, correta, não é “*vulgar*”, “*vagabunda*” ou “*periguetete*” (Lara, 55; Marina, 41; Flávia, 23; Taís, 24; Natália, 21). Os homens almejarium uma pessoa que administrará bem o lar, que será fiel e boa mãe; ademais, procuram aquelas que têm boa aparência, para “*mostrar pros outros que ela é linda, [...] que não seja gorda*” (Lena, 20). As informantes reforçam, dessa forma, que a beleza é primordial na hora da escolha da mulher para casar, o que nos revela perspectivas conservadoras.

Ao mesmo tempo, nas três gerações, os relatos indicam que os homens procuram mulheres mais independentes, decididas e que têm alguma experiência sexual advinda de outros relacionamentos, como demonstra a fala de Liliane (72), para quem os homens buscam alguém “*que seja liberada sexualmente, e não aquela história de ‘Ai, tem que ser virgem*””. No entanto, a liberdade deve ser vivenciada com parcimônia, pois a mulher que “*faz sexo por sexo, essa não é a menina que eles procuram pra casar*” (Neusa, 50).

¹¹ Optamos por apresentar trechos representativos da fala das entrevistadas em itálico e entre aspas, buscando manter, nas transcrições, proximidade com suas expressões orais.

Ao analisarmos as colocações de modo geral, reconhecemos que as diferentes gerações projetam os tradicionais papéis de gênero como ideal de homem e mulher para casar, pois o modelo de homem é o viril e sexualmente mais experiente, enquanto a mulher não é desvinculada do papel de esposa e mãe, no qual o exercício da sexualidade ainda é mais reprimida, mesmo que a virgindade tenha deixado de ser um tabu. O amor romântico proposto por Giddens (1993) e a posição de gênero definidora das posturas diante das relações sexuais ainda está presente, mesmo que algumas entrevistadas se mostrem mais questionadoras e abertas quanto à questão.

Tais respostas convergem com as percepções acerca do número de parceiros que as mulheres podem ter antes do casamento. Todas as gerações concordam que, atualmente, a mulher possui liberdade para ter quantas experiências desejar, a fim de comparar e encontrar o companheiro certo, indicando a prevalência do amor confluyente, em concordância com Giddens (1993, p. 21) que afirma que “os casais recém-casados de hoje são em sua maioria experientes sexualmente”.

Destaca-se, entretanto, o fato de a metade das jovens julgar que a liberdade conquistada pelas mulheres deve ser usufruída moderadamente para que isso não “banalize” as relações, como propõe Ângela (24), ao pontuar que “*a mulher não precisa andar por aí saindo com todo mundo*”. Desse modo, apesar das mudanças comportamentais, inclusive sexuais, serem vistas como positivas, uma parcela das jovens condena as condutas femininas quando estas se aproximam demasiadamente das masculinas. Além disso, parte das maduras e uma idosa complementam que ter vários parceiros antes de casar não deve ser uma regra, pois é possível que a mulher tenha somente um parceiro na vida: o marido, como aponta Rute (42): “*tem gente que só namorou um, casou e é feliz! Acho que o importante é ser feliz, agora se foi com um, com dois ou com três não importa*”. Dentre as idosas, aquelas que se casaram com o primeiro namorado reiteram a importância de a mulher ter outras experiências sexuais. Apenas Alda (79) mantém o pensamento conservador: “*Isso não é necessário, porque se ela vai namorar, não vai namorar pouco tempo, no mínimo um ano pra se conhecer, então ela vai conhecer o marido, não tem porque ela ter experiência de outros*”. Portanto, embora existam traços do amor confluyente, o amor romântico ainda está ancorado nas perspectivas sobre a liberdade sexual feminina.

Esse cenário se repete quando a maioria das entrevistadas, de todas as gerações, reconhecem que fazer sexo sem amor, hoje, é uma prática aceita entre as mulheres, sobretudo, no sentido de ter mais experiência, ter liberdade para namorar e aproveitar a vida. Porém, defendem que é mais importante o sexo com envolvimento. Cléo (67) acredita que *“sempre o amor é o mais importante, porque chega um ponto da vida em que o sexo nem é tão importante assim”*, do mesmo modo que Flávia (23), ao apontar: *“transa de uma noite, eu não concordo com esse tipo de coisa”*. Mesmo com a libertação sexual feminina, as entrevistadas ainda prezam pelo envolvimento amoroso: o sexo sem amor é aceito apenas parcialmente, fato que parece revelar ainda um posicionamento tradicional entre elas.

Em seguida, exploramos como as mulheres percebem as questões de gênero nos seus próprios relacionamentos, questionando-as sobre os aspectos negativos do casamento. A esse respeito, encontramos duas perspectivas. A primeira se refere à desigualdade imposta pelos papéis de gênero desempenhados por homens e mulheres, traduzida no desempenho dos afazeres domésticos, que ainda são de maior responsabilidade da mulher, na submissão das esposas às vontades dos maridos, na perda da privacidade e individualidade no relacionamento, que prejudicam o exercício de decisões autônomas e a afirmação das identidades individuais, especialmente no que concerne à figura feminina, culturalmente direcionada para servir aos interesses masculinos. Nesse sentido, elas ressaltam a necessidade de haver respeito mútuo, de o casal *“se respeitar pra ter uma união”* (Cleó, 67), o que para algumas pode ser difícil quando as mulheres abrem *“mão de muitas coisas mesmo, pra não magoar o marido”* (Soraia, 75). Para jovens e maduras, o respeito é alcançado quando é possível *“pensar diferente”* (Carolina, 23) e manter a individualidade, porque *“tu é dum jeito e o outro é do outro”* (Neusa, 50), mas *“existem pessoas que se envolvem tanto no casamento que esquecem de si próprias, deixam de ser elas mesmas”* (Rute, 42).

A segunda perspectiva se refere à administração da vida amorosa, para que seja satisfatória e, apesar da convivência diária, o casal permaneça unido. Nesse aspecto, citam o esforço para que a rotina seja evitada, por exemplo, através do comparecimento do casal a atividades diversas, como festas e jantares, conforme indica Roberta (30). Para Isis (24),

a relação não pode ser de comodidade, na qual “*as pessoas caem numa inércia*”. Essas são formas de evitar a infidelidade do casal e atenuar a monotonia da convivência diária.

Ao focarmos nas diferenças entre as gerações, é possível perceber que as mulheres idosas e maduras têm posicionamentos com traços modernos, pois reclamam mais dos tradicionais papéis de gênero e dão ênfase aos fatores vinculados à opressão feminina, uma vez que, nos seus casamentos, tiveram que negociar o lugar social imposto à mulher. As mulheres jovens se preocupam ora com a manutenção do relacionamento amoroso ora com os papéis de gênero. Para ilustrar as falas das jovens, Taís (24) afirma que a “*rotina é uma coisa que pode ser prejudicial, mas depende como o companheirismo é levado*”, ao mesmo tempo em que Isis (24) cita que o matrimônio “*não pode ser uma dependência, uma privação e, muitas vezes, é o que acaba acontecendo*”. Gina (23) é a única que teve dificuldades para citar os aspectos negativos do casamento, pois acredita que nele encontrará “*mil maravilhas, [...] um homem lindo, maravilhoso, que vai me trazer alegrias e prazeres*”, manifestando um ideal de amor romântico. Isso nos dá pistas sobre a importância da experiência na formulação dos posicionamentos, uma vez que nenhuma das jovens é casada. Em comparação com as outras gerações, seus posicionamentos apresentam traços mais tradicionais, ainda que manifestem a presença do amor confluyente.

Ao discorrerem sobre seus relacionamentos, percebemos que as idosas relatam problemas, especialmente em relação à falta de companheirismo e a uma exigência do marido para a sua submissão, por exemplo, em relação à gestão das finanças, como aponta Liliane (72). Parte das maduras descrevem seus relacionamentos citando falta de companheirismo e tentativa de controle por parte dos maridos. Contudo, diferente das idosas, elas parecem ser mais combativas quando isso ocorre, fato que ocasiona discussões. Três idosas acreditam viver um bom relacionamento, apesar de uma delas pontuar a falta de diálogo com o marido. Quatro maduras experienciam uma relação de companheirismo e uma jovem afirma haver respeito e cumplicidade na relação com seu namorado. A maioria das jovens não têm relacionamento, por isso não responderam à questão. Portanto, a minoria das entrevistadas declara vivenciar relacionamentos satisfatórios.

A telenovela na vida das mulheres

Para as entrevistadas, a assistência à telenovela constitui um hábito vinculado ao entretenimento e descanso. Os romances, o humor e os dramas que remetem às questões sociais são mencionados como pontos positivos e atrativos das tramas. As idosas e as jovens aludem a uma gramática dramaturga, pois fazem referência, em suas falas, a cenários, figurinos, atuação dos atores e trilha sonora. Dentre os aspectos que desagradam as receptoras das três gerações estão as cenas de sexo, violência e impunidade. As maduras demonstram maior insatisfação com o desenvolvimento de narrativas “lentas” e que se distanciam da realidade. No período de coleta de dados, entre 2012 e 2013, as informantes citaram espontaneamente telenovelas e personagens exibidas no horário nobre da Rede Globo: *Fina Estampa* de Aguinaldo Silva (2011-2012), *Avenida Brasil* de Emmanuel Carneiro (2012), *Salve Jorge* de Glória Perez (2012-2013) e *Amor à Vida* de Walcyr Carrasco (2013-2014), sinalizando acompanhamento e envolvimento à época, com tais produções.

Segundo as informantes, existem vários perfis de mulher nas telenovelas. Contudo, há alguns que se destacam. As mulheres maduras e idosas percebem a contraposição entre personagens fortes, independentes e trabalhadoras, com aquelas em que a exaltação do corpo está em primeiro lugar. Este último perfil, inclusive, é mais recorrente entre as falas das jovens pesquisadas. Desse modo, as três gerações citam a “mulher objeto” (Flávia, 23) como o perfil de gênero feminino usualmente exposto. As jovens, no geral, exemplificam a partir de personagens de mesma faixa etária que a sua, enquanto as maduras e idosas se referem às diferentes gerações.

Dentre as personagens mencionadas, Suélen¹² (Isis Valverde, *Avenida Brasil*), pertencente ao núcleo popular, ganha destaque entre a maioria das jovens. Destas, quatro a definem como “perigete” (Roberta, 30, Angela, 24, Natalia, 21 e Flávia, 23), pois, segundo elas, apresentava comportamento vulgar, insinuando-se para os homens e logrando de uma “liberdade sexual absurda” (Flávia, 23). Por essa razão, demonstram desaprovam o comportamento sexual feminino que foge dos padrões de monogamia

¹² Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/suelen-isis-valverde.html>. Acesso em: 27 fev. 2019.

feminina, culturalmente perpetuados. Para as pesquisadas, Suélen retrata um feminino que subverte a ordem estabelecida, o que causa incômodo nas jovens, revelando os traços tradicionais desta geração. Outra personagem bastante citada foi Carminha¹³ (Adriana Esteves, *Avenida Brasil*), como uma mulher perversa, que se envolve em “golpes” (Cora, 68) e “traições” (Alda, 79, Flávia, 23, Gina, 23, Neusa, 50, Carolina, 23 e Maria, 47), inclusive contra o marido. Pertencia à classe popular, mas ascendeu socialmente casando-se com um jogador de futebol. Em oposição às duas personagens mencionadas, Nina¹⁴ (Débora Falabella, *Avenida Brasil*), que na telenovela fazia parte da elite, é mencionada algumas vezes como exemplo de mulher moderna, culta e atualizada.

Já a maior parte das entrevistadas maduras e uma parcela das idosas identificam a mulher como “objeto” (Flávia, 23, Cléo, 55 e Maria, 47), com características tidas como “vulgares” (Isis, 24, Tais, 24, Marina, 41 e Maria, 47, Gina, 23), com exaltação do corpo e associadas às cenas que exploram a sexualidade, o que reforça a leitura ora tradicional e ora moderna em relação à vivência da liberdade sexual. Fica explícito que ainda existem limites, balizados pelos valores tradicionais e socialmente construídos, sobre o que é correto para a postura feminina, pois há situações que causam estranhamento às pesquisadas.

No que se refere às suas impressões sobre as cenas de sexo na telenovela, a maioria das jovens, maduras e todas as idosas consideram as cenas desnecessárias, vulgares e apelativas, como demonstra Marina (41): “*Eu acho que tá muito banalizado. Acho bonito uma cena bem feita, mas agora tá muita baixaria*”. Algumas citam o constrangimento ao assistirem tais cenas na presença de familiares ou argumentam que são “*um mau exemplo*” (Alda, 79) para as crianças. Apesar disso, para quase todas as informantes, o sexo não deveria ser eliminado das tramas, mas poderia ser implícito sem apelação e vulgaridade. Apenas para uma jovem e uma madura as cenas devem ser assistidas “*com naturalidade*” (Isis, 24 e Rute, 42), já que o sexo faz parte do cotidiano.

¹³ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/carminha-adriana-esteves.html>. Acesso em: 13 mar. 2019.

¹⁴ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/ninarita-debora-falabella.html>. Acesso em: 27 fev. 2019.

A exposição do exercício da sexualidade é um assunto que, embora traga posicionamentos mais flexíveis, ainda causa desconforto e dúvidas quanto à intimidade sexual. Tal posicionamento revela indícios de que o amor romântico - que trata o sexo como algo intrínseco ao relacionamento amoroso, com sentimento e resguardo - é valorizado à medida que grande parte das entrevistadas não apoia a exposição do relacionamento sexual.

Ao serem indagadas sobre o modo como a mulher “liberal” aparece na telenovela, dois perfis se destacam: o de mulher batalhadora e o de mulher com maior liberdade sexual. O primeiro, para parte das jovens, idosas e maduras, é representado nas telenovelas como aquela mulher que trabalha fora de casa, acompanha a evolução dos valores, não tem preconceito, não depende do marido financeiramente ou para tomar decisões. Ser liberal é algo positivo, pois há quebra de regras, o que é, majoritariamente, identificado nas personagens das classes populares. O segundo perfil, percebido como negativo, refere-se àquelas que se envolvem em traições, aceitam a infidelidade do marido, fazem sexo com vários homens e sem compromisso. Esses comportamentos são citados pela maioria das jovens, bem como por uma pequena parcela das idosas e maduras.

Acerca do segundo perfil de mulher liberal, as três gerações citam as mulheres que participavam de relacionamento poligâmico com Cadinho¹⁵ (Alexandre Borges, *Avenida Brasil*), referindo-se a elas de forma semelhante ao que podemos observar nos comentários de Ângela (24): “*só por aceitarem aquele vai e volta, já são liberais. Eu jamais ia aceitar aquela enrolação toda de um homem*”. Carminha (Adriana Esteves, *Avenida Brasil*) também foi mencionada por jovens e idosas (Elza, 75, Lia, 76, Angela, 24, Tais, 24), tendo em vista as traições ao seu marido.

Algumas entrevistadas maduras, porém, demonstram aceitar certos comportamentos liberais, como Camila (35), ao afirmar: “*tem a própria delegada que trabalha com uma homossexual, que é mente aberta. Então o liberal de mente aberta, que tem uma filha que não trabalha em casa, que mora com o namorado*”. Com base

¹⁵ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/cadinho-alexandre-borges.html>. Acesso em: 13 mar. 2019.

nisso, inferimos que, para as entrevistadas, a mulher liberal é aquela que não se submete ao poder do marido e é independente. Entretanto, este modelo de independência parece ser aceito apenas parcialmente, sobretudo, refutando o exercício livre da sexualidade.

Ao definirem um modelo de mulher “tradicional” nas telenovelas, a maioria das entrevistadas, de todas as gerações, discorrem sobre aquela que se esforça em prol da manutenção da família. Para as jovens, ser tradicional é se dedicar e ser submissa ao casamento, de forma que essas sejam as suas prioridades na vida. Gina (23) define tal mulher como aquela que na vida somente “cozinha-lava-passa-reproduz”. Para exemplificar, são citadas pelas jovens as personagens Griselda¹⁶ (Lília Cabral, *Fina Estampa*), por ser batalhadora, Muricy¹⁷ (Eliane Giardini, *Avenida Brasil*), pelo esforço para manutenção e união da família, Monalisa¹⁸ (Heloísa Périssé, *Avenida Brasil*), por ser fechada para o amor, Carminha (Adriana Esteves, *Avenida Brasil*) por fazer doações e ir à igreja, embora seja considerada por Lena (20) e Cora (68) uma “falsa conservadora”.

Para as mulheres maduras, ser conservadora diz respeito a depender do marido e não pensar em si própria. As mulheres maduras citaram Lucinda¹⁹ (Vera Holtz, *Avenida Brasil*) por viver uma situação econômica difícil e, mesmo assim, conseguir dar boa educação às crianças do lixão; Verônica²⁰ (Débora Bloch, *Avenida Brasil*), uma das esposas do Cadinho, por tentar manter o casamento apesar da infidelidade do marido, e Antonia²¹ (Letícia Spiller, *Salve Jorge*), por se dedicar ao lar.

As entrevistadas idosas consideram que também são exemplos de mulheres conservadoras aquelas que têm preconceito de classe, que prezam pelos princípios da “moral e bons costumes” (Cora, 68 e Elza, 75) e que cuidam da aparência para agradar o marido. Griselda foi citada, por conta do segredo que não era revelado para manter a

¹⁶ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/fina-estampa/personagem/griselda-da-silva-pereira.html>. Acesso em: 27 fev. 2019.

¹⁷ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/muricy-eliane-giardini.html>. Acesso em: 27 fev. 2019.

¹⁸ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/monalisa-heloisa-perisse.html>. Acesso em: 27 fev. 2019.

¹⁹ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/lucinda-vera-holtz.html>. Acesso em: 5 mar. 2019.

²⁰ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/veronica-debora-bloch.html>. Acesso em: 5 mar. 2019.

²¹ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/salve-jorge/personagem/antonia-leticia-spiller.html>. Acesso em: 5 mar. 2019.

família; Muricy, que tentava conservar a família unida, ainda que sem amor; Ivana²² (Letícia Isnard, *Avenida Brasil*), que, de forma submissa, tentava conquistar o marido; Carminha, que transmitia a imagem de mulher preocupada com a família; Pilar²³ (Suzana Vieira, *Amor à Vida*), que se opôs ao casamento da filha com um rapaz pobre, e Áurea²⁴ (Suzana Faini, *Salve Jorge*), preconceituosa com a nora pelo fato de ela ser da favela. Dessa forma, coexistem posicionamentos flexíveis sobre o comportamento feminino, pois ora prezam pelos valores tradicionais, como a família, o casamento e o amor, ora refutam o modelo de mulher construída somente a partir de tais elementos.

A partir dos dados analisados a respeito da telenovela, podemos inferir que as leituras das relações de gênero transitam entre o moderno e o tradicional. A partir das críticas às personagens mencionadas, percebemos uma dualidade nas decodificações da telenovela, o que pode ser um indicativo de que, na sociedade contemporânea, por mais que se reconheça e valorize a liberdade feminina, isso ocorre apenas parcialmente. Ainda há espaço para a representação de uma mulher tradicional, que se dedica à casa e aos filhos e tem um comportamento sexual que se relaciona ao amor. A independência financeira e o trabalho, vínculo da mulher à esfera pública, são valorizados, mas a independência no âmbito privado de suas relações afetivas é melindrada.

Considerações finais

Compreendemos que as leituras realizadas das telenovelas, assim como a sociabilidade das entrevistadas referentes aos relacionamentos amorosos e sexuais, variam entre e nas diferentes gerações analisadas. Embora os dados tenham sido coletados entre os anos de 2012 e 2013, a atualidade dos achados empíricos é revigorada pelo contexto conservador do cenário político brasileiro e pelas recentes estratégias adotadas pela Rede Globo. A suspensão de gravações provocada pela Covid-19 conduziu à substituição das telenovelas inéditas por reprises na programação. *Fina Estampa*, por

²² Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/ivana-leticia-isnard.html>. Acesso em: 13 mar. 2019.

²³ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/personagem/pilar-khoury.html>. Acesso em: 5 mar. 2019.

²⁴ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/salve-jorge/personagem/aurea.html>. Acesso em: 27 fev. 2019.

exemplo, voltou ao ar no horário nobre, mantendo índices de audiência relevantes²⁵. Outras novelas, inclusive mencionadas neste texto, passaram a ser disponibilizadas na GloboPlay, tornando-se atrativo de marketing da plataforma de vídeo *on demand*²⁶. Cabe ainda mencionar o canal de TV por assinatura Viva, com grade voltada às produções já exibidas na TV aberta, o qual reforça a importância mercadológica da (re)exibição de telenovelas. Com isso, postulamos que as narrativas não “envelhecem”, mas representam uma oportunidade de leitura da época em que foram produzidas e são consumidas, tal como problematiza Joana Oliveira (2020). Parece-nos salutar apontar que de 2012 a 2020 são diversos os avanços no debate da igualdade de gênero e, em oposição, registra-se o fortalecimento de posições enraizadas no patriarcado.

As entrevistadas idosas manifestam valores tradicionais, especialmente em relação à sexualidade e ao casamento. Isso se confirma tanto no estranhamento em relação à prática do sexo sem amor, como nas leituras da presença de cenas de sexo nas telenovelas. O mesmo posicionamento é encontrado ao abordarem o número de parceiros que as mulheres podem ter antes de casar: apesar de serem modernas ao afirmar que é preciso haver experiência antes da escolha do marido ideal, é essencial que exista amor em todas as relações sexuais. Ademais, são tradicionais acerca do ideal de homem para casar, ao descreverem um perfil romantizado, bem como em relação à esposa ideal, pois essa deve ser uma mulher respeitável, correta e conservadora. O matrimônio, desse modo, ainda é vinculado às idealizações do amor romântico, apesar de serem reflexivas ao criticar a opressão de gênero sofrida em seus próprios casamentos.

A mesma contradição é percebida nas leituras das idosas ao se posicionarem acerca da maneira como a mulher liberal é retratada nas telenovelas, pois aprovam as personagens que são financeiramente independentes e acompanham a evolução dos valores, demonstrando uma tendência moderna e reflexiva. Porém, ao mesmo tempo, se mostram tradicionais ao discorrerem sobre as personagens femininas conservadoras, já

²⁵ Novelas da Globo seguem batendo recorde no Ibope durante quarentena. **Na telinha - UOL**. 20 abr. 2020. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2020/04/20/novelas-da-globo-seguem-batendo-recorde-no-ibope-durante-quarentena-143945.php>. Acesso em: 5 maio 2020.

²⁶ GloboPlay vai incluir uma novela clássica a cada duas semanas na plataforma. **G1**. 21 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/05/21/globoplay-vai-incluir-uma-novela-classica-a-cada-duas-semanas-na-plataforma.ghtml>. Acesso em: 22 maio 2020.

que se identificam com alguns dos comportamentos exibidos nas tramas, a ponto de agirem da mesma forma em seu cotidiano (como em relação às privações femininas para a manutenção da família). De modo geral, podemos afirmar que as idosas são majoritariamente tradicionais, pois admitem uma certa mudança nas relações de gênero, porém a mulher não pode ser tão ousada a ponto de se desvincular do amor romântico.

Entre as mulheres maduras, percebemos um posicionamento contraditório sobre os relacionamentos amorosos e as leituras das telenovelas, provavelmente fruto de uma modernização das interações de gênero e da herança de uma educação familiar conservadora. Nas questões que tratam dos relacionamentos amorosos são tradicionais, valorizando o amor romântico, ao mesmo tempo em que oscilam entre visões tradicionais e modernas a respeito da liberdade sexual. Embora admitam o direito das mulheres a monogâmias sucessivas, temem ser associadas ao padrão masculino do livre exercício da sexualidade. Essa mesma contradição é percebida nas leituras liberais e tradicionais sobre a representação da mulher e das cenas de sexo nas tramas, quando defendem, por um lado, a independência financeira e a autonomia feminina; por outro, reprimem a liberdade sexual das personagens e a exibição do ato sexual.

As jovens demonstram ser tradicionais em relação aos seus posicionamentos sobre os ideais de homem e mulher para casar, em que indicam uma crença no amor romântico e uma idealização do casamento, embora apontem a falta de liberdade e a rotina como aspectos negativos na relação. Sobre o número de parceiros e sexo sem amor, podemos inferir que as entrevistadas têm posicionamentos que se dividem entre modernos e tradicionais. Metade das informantes defende o livre exercício da sexualidade, enquanto as demais se apegam à moral sexual tradicional que exige o recato feminino. Embora as jovens sejam favoráveis a múltiplas experiências sexuais, não aprovam o relacionamento sexual sem amor, valorizando, mais uma vez, o amor romântico. No que diz respeito aos questionamentos sobre as cenas de sexo na telenovela, as entrevistadas dividem-se entre modernas e tradicionais. São tradicionais no modo como as mulheres são representadas e no entendimento do que é uma mulher “liberal” ou “conservadora” nas telenovelas, por criticarem as personagens de mesma faixa etária, porém de classe popular, que exercem a sua liberdade sexual. Nessa perspectiva, as jovens de classe alta parecem temer o

juízo acerca do exercício de sua sexualidade, pois afirmam que é preciso ter cuidado para não parecerem vulgares.

A diferença entre posicionamento liberal e tradicional é que no liberal há reflexividade, que significa “reconhecimento da escolha” (GIDDENS, 199, p. 103). Tomando isso como base, percebemos que a maioria das entrevistadas contesta os papéis tradicionais de gênero, mas têm dificuldade de admitir os comportamentos liberais para si, pois não conseguem realizá-los. Nossas inferências são baseadas no modo como elas se manifestam a respeito dos comportamentos sexuais e amorosos, nos julgamentos presentes nas falas. As novelas, aqui apresentadas, são menos tradicionais, se posicionam de uma maneira mais liberal do que a experiência vivida pelas entrevistadas. Assim, reforçamos a proposição de Ronsini (2016, p.47): “a particularidade das telenovelas brasileiras é que elas cedem espaço, nas brechas do discurso dominante, para a defesa da liberdade sexual e das múltiplas formas de sexualidade, do respeito às diferenças de gênero”. As receptoras, em parte, aprovam a concepção de uma mulher moderna, sobretudo no que se refere à independência financeira. Em outra, reforçam um modelo conservador vinculado ao ideário do amor romântico e a submissão (ou omissão) de práticas sexuais. A moralidade e o juízo de suas posições de classe ainda as condicionam no âmbito privado e afetivo.

Referências

- ALMEIDA, H. B. **Telenovela, consumo e gênero**: “muito mais coisas”. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- BENTO, B. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BORELLI, S. H. S.; et al..Narrativas da juventude e do feminino. In: LOPES, M. I. V. de (org.). **Ficção televisiva no Brasil**: temas e perspectivas. São Paulo: Globo, 2009, p.65-109.
- BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do juízo. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.
- BRAGA, J. L. **Circuitos versus campos sociais**. In: JANOTTI JUNIOR, J.; MATTOS, M. Â.; JACKS, N. (Org.). **Mediação e mediatização**. Salvador: EDUFBA, 2012, p.31-52.
- DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, p.62-83.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HAMBURGER, E. **O Brasil antenado**: a sociedade da telenovela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

QUADROS, W.; ANTUNES, D. Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos noventa. **Cadernos do CESIT**. Campinas. n. 30, out. 2001.

JUNQUEIRA, L. **Desigualdades sociais e telenovela**: relações ocultas entre ficção e reconhecimento. São Paulo: Annablume, 2009.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LOPES, M. I. V de. Telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**. Ano 3, n. 1. ago./dez. 2009, p. 21-47.

LOPES, M. I. V., BORELLI, S. H. S., RESENDE, V. R. **Vivendo com a telenovela**: Mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo, SP: Summus Editorial, 2002.

MARTÍN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MARTÍN-BARBERO, J. Uma aventura epistemológica. **Matrizes**, v. 2, n. 2, p. 143–162, 2009.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, G. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Ed. Senac, 2004.

OLIVEIRA, J. Reprise de ‘Fina Estampa’ mostra um Brasil que não se espanta com machismo de seus personagens. 13 abr. 2020. **El País**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-04-13/reprise-de-fina-estampa-mostra-um-brasil-que-nao-se-espanta-com-machismo-de-seus-personagens.html>. Acesso em: 5 maio 2020.

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

RONSINI, V. M. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: GOMES, I.; JANOTTI JUNIOR, J. (Orgs.). **Comunicação e Estudos Culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 75-97.

RONSINI, V. M. **A crença no mérito e a desigualdade**: a recepção da telenovela no horário nobre. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RONSINI, V. M. Telenovelas e a questão da feminilidade de classe. **Matrizes**. Ano 10, n. 2. maio/ago. 2016, p. 45-60.

SAFFIOTI, H.I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.; BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma questão de gênero**. São Paulo: Rosa dos Tempos e Fundação Carlos Chagas, 1992.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.